

## O mercado de café em perspectiva<sup>1</sup>

Glauco Rodrigues Carvalho<sup>2</sup>

### Resumo

O setor cafeeiro encontra-se em um momento de incertezas sobre a dimensão da próxima safra do Brasil e Mundial e sobre o comportamento dos preços neste e no próximo ano.

O ano de 2005 foi bastante positivo para a cafeicultura brasileira, com incremento do preço médio, do consumo e da receita com exportações.

Para 2006, o preço médio deve ficar ligeiramente abaixo do ano passado mas ainda sustentado pelo baixo patamar dos estoques mundiais. As exportações brasileiras de café, em dólar, devem ficar estáveis, porém com aumento do volume embarcado. Para o consumo interno, espera-se nova expansão, na esteira do crescimento da economia. A safra 2006/07 foi projetada pela Conab em 42 milhões de sacas de 60 kg ante 32,9 milhões de sacas do ano anterior. É importante uma boa estratégia de comercialização neste ano de safra alta.

A expansão recente do plantio de café no Brasil somado ao incentivo à produção mundial, via aumento preços, deverá provocar redução um pouco mais acentuada das cotações a partir de 2008.

O Brasil ainda precisa avançar nas questões relacionadas à sustentabilidade, qualidade do café e agregação de valor, seja na produção ou na exportação. É preciso consolidar um patamar mais elevado de participação nas exportações mundiais.

---

<sup>1</sup> Elaborado com informações até o dia 18 de janeiro de 2006.

<sup>2</sup> Economista e pesquisador da Embrapa Monitoramento por Satélite. [glauco@cnpm.embrapa.br](mailto:glauco@cnpm.embrapa.br)

## Análise

### Situação atual

A produção mundial de café está distribuída por inúmeros países, sendo que Brasil, Vietnã e Colômbia, são nessa ordem, os maiores produtores (gráfico 1).

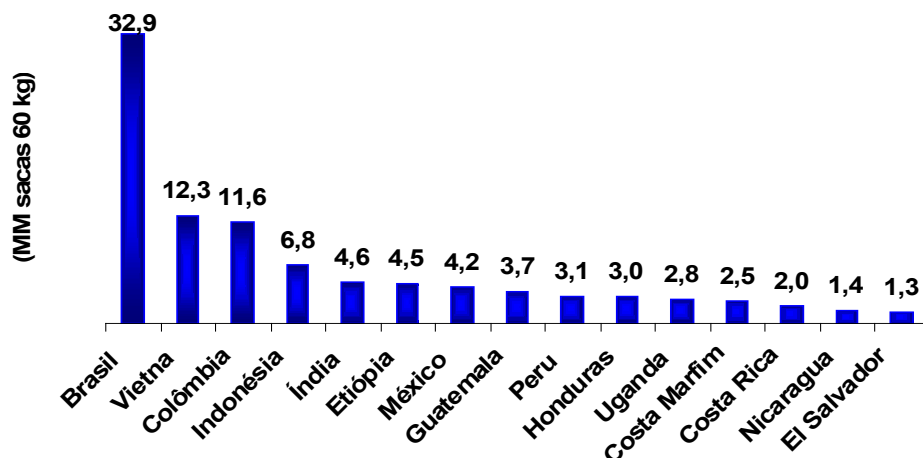
Segundo a Organização Internacional do Café (OIC), a produção mundial de café em 2005/06 deve ficar próxima de 108,0 milhões de sacas de 60 kg, 6,0% menor que as 114,9 milhões de sacas produzidas em 2004/05. O Brasil é o maior produtor mundial, com 30,0% desse volume produzido. Pelos números do USDA, a safra mundial 2005/06 está estimada em 113,2 milhões de sacas ante 122,4 do ano anterior.

O café é uma importante fonte de renda para a economia brasileira, pela sua participação na receita cambial, pela transferência de renda aos outros setores da economia, pela contribuição à formação de capital no setor agrícola do país, além da expressiva capacidade de absorção de mão-de-obra.

Cabe ressaltar que o Brasil é o país estrategicamente mais bem situado no contexto da cafeicultura mundial. Existe aqui uma produção, em larga escala, das duas principais espécies de café: arábica e robusta.

Ao contrário do que ocorre em outros países produtores, que, pela própria extensão, têm menor área cultivada, no Brasil existem diferentes espécies e cultivares que possibilitam a fabricação de variados *blends*.

Gráfico 1 – Produção mundial de café por país: safra 2005/06

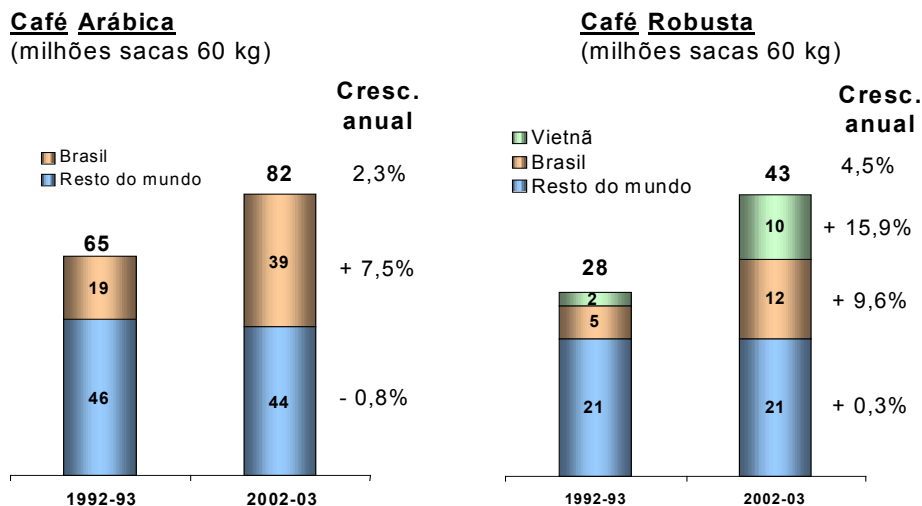


Fonte: USDA; Brasil: Conab

Na última década houve grande evolução da oferta de café, sobretudo oriunda do Vietnã e do Brasil. No período de 10 anos (safra 1992/93 a safra 2002/03), a produção mundial de café robusta cresceu cerca de 4,5% ao ano, enquanto a produção de arábica aumentou 2,3% ao ano. Para o primeiro tipo, destaca-se a presença do Vietnã, com incremento anual médio de 15,9%, e

do Brasil com elevação de 9,6%. Para o café arábica, a oferta anual brasileira aumentou 7,5%, enquanto no resto do mundo houve recuo de 0,8% ao ano (gráfico 2).

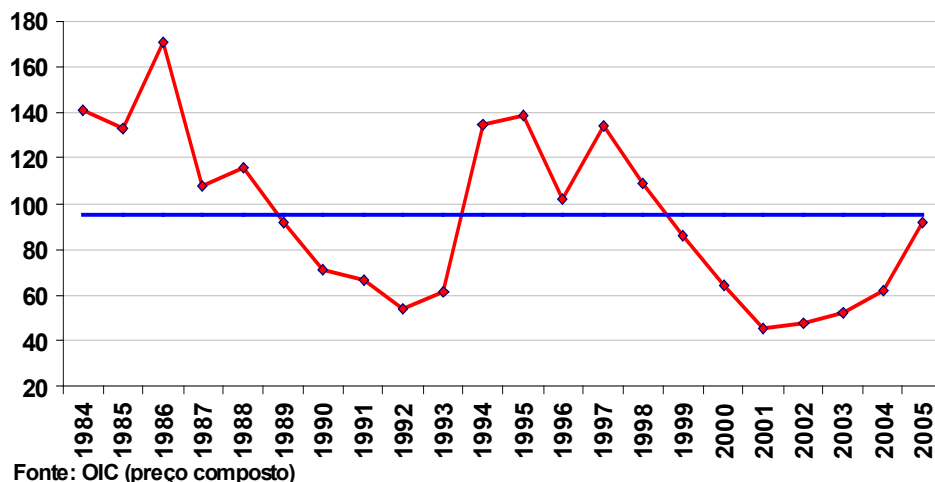
Gráfico 2 - Produção mundial de café arábica e robusta



Fonte: USDA (elaboração do autor)

A dinâmica de preços está intimamente atrelada aos movimentos da safra nos três maiores produtores. O reflexo da expansão da safra do Vietnã e também do Brasil foi o recuo dos preços do produto, atingindo o piso em setembro de 2001. No final de 2002, iniciou-se então um novo ciclo de alta (gráfico 3).

Gráfico 3: Evolução do preço internacional do café: preço composto OIC (US\$/lb)



Fonte: OIC (preço composto)

O ano de 2005 foi bastante positivo para a cafeicultura brasileira, com melhoria de rentabilidade, das exportações e do consumo doméstico. Poderia inclusive ter sido melhor, se não fosse a valorização da taxa de câmbio. O café, juntamente com a laranja e a cana-de-açúcar compõem o seletor grupo das atividades agrícolas que tiveram bom desempenho em 2005,

quando várias outras lavouras amargaram profunda crise como o milho, a soja, o algodão, o arroz e o trigo, para ficar em alguns exemplos. É importante lembrar que, há poucos anos atrás, o setor cafeeiro passou por uma grave crise, enquanto outros segmentos se destacavam positivamente.

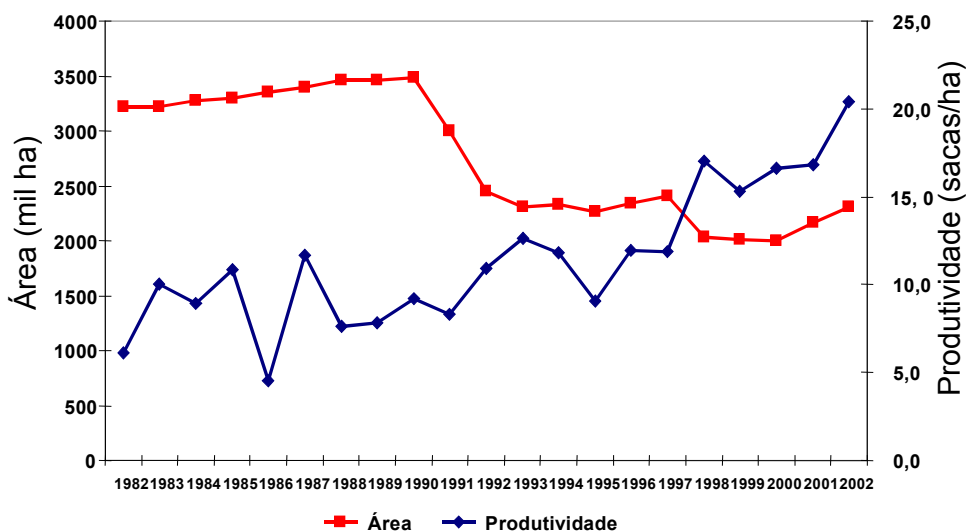
Em 2005 o preço médio internacional do café (contrato “C”) aumentou 41% em relação a 2004. No mercado brasileiro, esta elevação foi atenuada pela valorização do real frente ao dólar. Ainda assim, o preço do café arábica (tipo 6, bica corrida, bebida dura) subiu cerca de 37% e a taxa de câmbio se valorizou 17%, fechando o ano na média de R\$2,44/dólar.

Este aumento de preços ocorreu na esteira da redução dos estoques mundiais, devido a:

- a) Safra menor no Brasil, em função da bianualidade de baixa;
- b) Safra menor no Vietnã, devido a problemas climáticos (seca);
- c) Consumo mundial e brasileiro em expansão;
- d) Perdas de produção e estoques em países da América Central e Estados Unidos, devido a passagem de furacões como o Katrina e o Stan;
- e) Patamar de consumo mundial acima da produção, provocando um déficit de aproximadamente 9 milhões de sacas de 60 kg.

Os picos de preço do café estão historicamente reduzindo, o que implica em uma necessidade de ganhos de produtividade e redução de custos de produção. Neste sentido, o Brasil também está muito bem posicionado, pois possui um custo de produção extremamente competitivo e sua produtividade está evoluindo de tal sorte que provocou aumento no patamar médio de produção, mesmo com redução de área plantada (gráfico 4). É necessário que este incremento de produtividade continue nos próximos anos.

Gráfico 4 – Produtividade e área plantada no Brasil



Fonte: IEA, OIC, Conab

A exportação brasileira de café fechou o ano em US\$ 2,9 bilhões, o que equivale a um incremento de 44% em relação ao ano anterior, quando se exportou US\$ 2 bilhões. A participação do país nas exportações mundiais ficou em cerca de 30%. O volume embarcado somou 26,1 milhões de sacas de 60 kg ante 26,4 milhões de sacas em 2004. Portanto, o desempenho externo não se pautou no volume, mas sim no preço pago pelo café brasileiro no mercado internacional. Em termos desagregados, destaca-se o crescimento da receita das exportações de café conillon e de torrado de 113,7% e 75,6%, respectivamente. A frustração da safra do Vietnã e o esforço exportador das torrefadoras brasileiras contribuíram para esse resultado.

O ano de 2005 também foi bastante positivo no âmbito do consumo interno. A estimativa da Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC) é de que o consumo tenha atingido cerca de 15,8 milhões de sacas, o que equivale a 48% da última safra colhida no país. Caso confirmado esse volume, o crescimento do consumo brasileiro será de 6% sobre 2004, bem acima da média mundial que gira em torno de 1,5% a 2,0%. Essa demanda é relevante para auxiliar na sustentação de preços e renda aos produtores locais. A melhoria da qualidade do café, aumento de cafeterias e a promoção do consumo auxiliaram a expansão. Os demais países produtores precisam seguir o exemplo do Brasil e promover mais intensamente o consumo em seus mercados locais.

Por fim, no que tange a pesquisa, em 2005 o Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé) liberou R\$ 12 milhões e para este ano a previsão é de R\$ 18 milhões, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Em promoção do produto, foram destinados no ano passado R\$ 4,5 milhões. Para 2006, já estão garantidos R\$ 5,6 milhões, mas o MAPA está pleiteando uma suplementação.

### **Perspectivas de curto prazo**

Apesar das especulações acerca do volume a ser produzido pelo Brasil, os baixos estoques de passagem da safra 2005/06 devem garantir um suporte de preços para o produto em 2006.

Espera-se um preço médio internacional bem próximo ao de 2005, quando o contrato “C” fechou em 107,25 centavos de dólar por libra-peso (gráfico 5).. A principal alteração na comparação entre os dois anos é que no ano passado a expectativa era de uma safra baixa no Brasil e frustação da colheita no Vietnã. Para 2006, a previsão é de recuperação da oferta mundial, impulsionada sobretudo pela safra brasileira e normalização da produção vietnamita. Assim, no período de safra, o preço médio poderá recuar a níveis inferiores ao do ano passado.

É fundamental, portanto, uma boa estratégia de comercialização, pois além do recuo dos preços durante a safra, o chamado *weather market* deverá ser de muita volatilidade. A venda de parte ou totalidade dos estoques até março/abril, a venda antecipada da próxima safra através de Cédula do Produto Rural (CPR) e a utilização de opções de venda privadas e públicas são alternativas interessantes e que devem ser consideradas pelo setor. O patamar ainda elevado de taxa de juros no Brasil, também abre uma janela para aplicações em renda fixa.

O primeiro levantamento da Conab projetou produção de aproximadamente 42 milhões de sacas de 60 kg para a safra 2006/07 ante 32,9 milhões de sacas em 2005/06. Algumas estimativas indicam safra acima de 45 milhões de sacas.

No caso do Vietnã, na última safra houve uma produção de aproximadamente 12,3 milhões de sacas ante 15 milhões de sacas esperadas inicialmente. Para a safra 2006/07 este último patamar poderá ser atingido, caso as condições para o desenvolvimento da lavoura forem adequadas. Apenas estes dois países, portanto, poderiam disponibilizar pelo menos cerca de 11,8 milhões de sacas adicionais. Considerando adição de mais 1 milhão de sacas da Colômbia e outros países em conjunto, *ceteris paribus* a safra mundial poderá atingir 121 milhões de sacas em 2006/07 para um consumo próximo de 118,7 milhões de sacas. Os estoques finais, estimados em 50,1 e 41,2 milhões de sacas em 2004/05 e 2005/06, respectivamente, iriam para 43,5 milhões no atual ano-safra, mantendo rentabilidade ao cafeicultor.

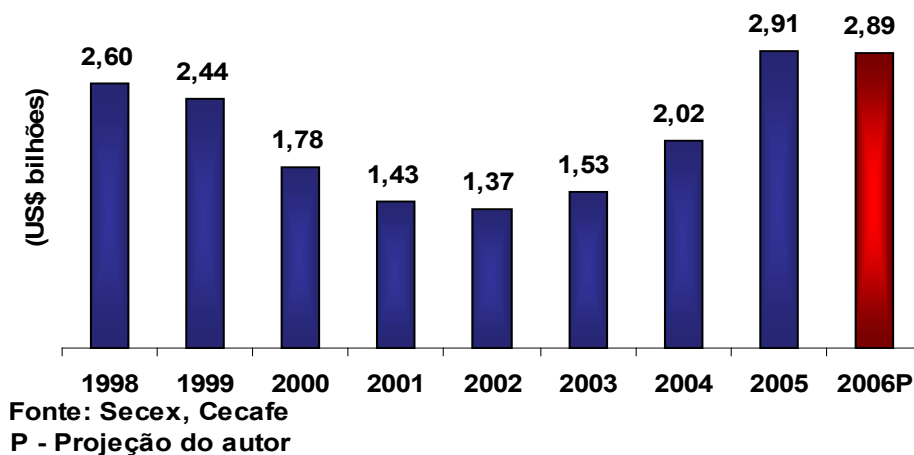
No que tange as exportações brasileiras, espera-se pequeno incremento no volume embarcado, para cerca de 26,7 milhões de sacas, e uma receita de aproximadamente US\$ 2,89 bilhões em 2006 (gráfico 6).

Gráfico 5 – Preços internacional do café arábica



Fonte: NYBOT  
 Projeção: Preço futuro médio de dezembro/05

Gráfico 6 – Evolução das exportações de café



### Perspectivas de médio/longo prazo

Para 2007, o Brasil deve colher uma safra de bianualidade baixa, porém superior a última, devido a melhoria de tratos culturais e dos novos plantios. Para 2008 os preços podem apresentar queda mais significativa, quando a safra brasileira poderá aproximar de 48 milhões de sacas. Contudo, o cenário atual de estoques mundiais mais baixos e um desempenho muito positivo de consumo ainda mantém rentabilidade ao cafeicultor (tabela 1). No caso do Brasil, a disponibilidade de instrumentos de comercialização, que permite vendas fora do período de safra, agrega mais competitividade ao setor.

Tabela 1 - Oferta e demanda mundial de café (milhões de sacas de 60 kg)

Ano-safra	Produção		Consumo mundial	Estoque final
	Mundo	Brasil		
2004/05				50,1
2005/06 E	108,0	32,9	116,9	41,2
2006/07 P	121,0	42,0	118,7	43,5
2007/08 P	116,0	37,0	120,7	38,7
2008/09 P	127,0	48,0	122,8	42,9
2009/10 P	120,0	40,0	125,0	37,9

Fonte: OIC; Conab (projeção do autor)  
 E - estimativa; P - projeção

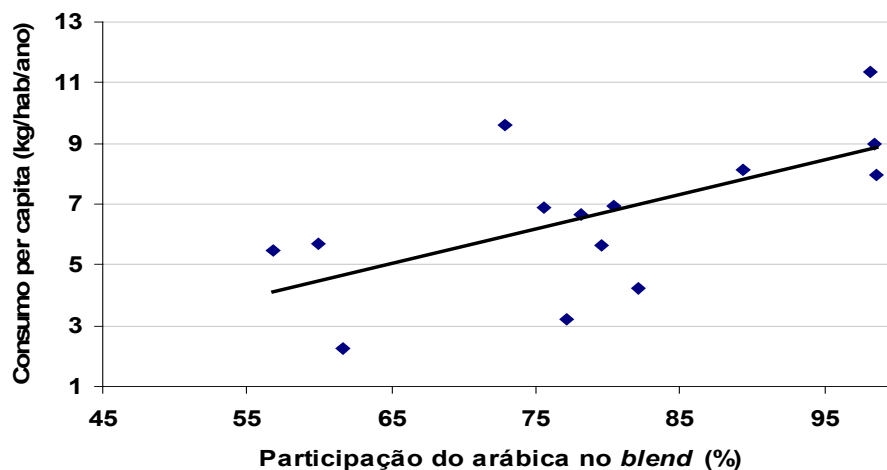
O grande desafio para o Brasil certamente passa pelo aumento de participação no mercado mundial de café, atualmente em 30%. Um caminho para isso passa pela agregação de valor, ou seja, incrementar as exportações de café torrado e moído, de café solúvel e de café verde de melhor qualidade. O consumo dos países do Oriente Médio, Japão e Europa Oriental têm

crescido bastante, sendo necessário olhar criteriosamente para estes mercados e aproveitar as oportunidades.

O segmento de cafés especiais continua crescendo a taxas próximas de 10% e o Brasil ainda participa pouco desse nicho de mercado (cerca de 5%). É importante o esforço do setor produtivo para ingressar neste segmento, já que ele tem a função de olhar para dentro e para fora do país. Para dentro, no sentido de induzir a práticas produtivas mais adequadas e melhoria contínua de qualidade. Para fora, esta inserção promove a imagem do produto brasileiro no mercado mundial e abre novos mercados.

A melhoria da qualidade do café, com critérios que incluem o teor de cafeína, o sabor e o aroma, também serve de catalisador do consumo mundial, conforme estudo da OIC<sup>3</sup>. Essa idéia é reforçada pela correlação positiva entre o consumo de café e a participação do café arábica no *blend* dos países tradicionalmente importadores (gráfico 7).

Gráfico 7 - Consumo de café e participação do arábica no *blend*



Fonte: OIC, Banco Mundial (elaboração do autor)

O setor produtivo tem manifestado preocupações claras sobre a continuidade da atividade, levantando temas como sustentabilidade, agregação de valor e eficiência produtiva. A criação do Centro de Inteligência do Café, para auxiliar nas decisões estratégicas e pensar nas políticas de médio e longo prazo para a cadeia produtiva já é um grande passo.

Contudo, alguns riscos ainda pairam sobre a cafeicultura brasileira e devem ser acompanhados com atenção:

1) Ao considerar os países importadores tradicionais de café e que são os grandes consumidores, verifica-se um crescimento muito modesto no consumo dessa bebida, o que poderá prejudicar a sustentabilidade dos preços em um momento de oferta mais abundante;

<sup>3</sup> Elasticidade preço/demanda com referência ao consumo de café nos países importadores. 21 de setembro de 2004.

2) O consumo de café tem respondido muito fracamente a alterações no preço (inelástico), ou seja, preço mais baixo não necessariamente se reflete em aumento de consumo, conforme demonstrado também no estudo da OIC (2004).

3) A elevada volatilidade nos preços do café tem prejudicado significativamente o processo de planejamento da atividade, o que impõe a necessidade de utilização de mecanismos de *hedge*. Essa volatilidade, muitas vezes, está atrelada a flutuação da safra brasileira e a intervenções de especuladores no mercado internacional;

4) No Brasil, houve recentemente uma forte expansão do plantio e aumento dos investimentos nas lavouras, o que pode culminar em um recuo mais significativo dos preços após 2008.

Em síntese, o cenário ainda é positivo para o setor no Brasil. Talvez seja o momento para investimentos em infra-estrutura para produzir um café de melhor qualidade, mas com os pés no chão. Os instrumentos de comercialização precisam ser vistos como janelas de oportunidade, mas muitos desafios culturais ainda permanecem.

Este comentário foi elaborado pela Embrapa Monitoramento por Satélite com o intuito de informar e divulgar suas análises a respeito dos cenários conjunturais da agropecuária brasileira. No entanto, a Embrapa Monitoramento por Satélite não se responsabiliza pelas ações tomadas com base nas informações aqui contidas e por eventuais perdas, diretas ou indiretas, resultantes desses atos. Nenhuma parte deste documento pode ser distribuída, publicada ou reproduzida por qualquer pessoa ou instituição sem consulta prévia.